

Em palestra recente, cujo texto foi publicado na revista *Carta Mensal da Confederação Nacional do Comércio* (número de janeiro deste ano), o Sr. Professor Dr. José Carlos Barbosa Moreira aponta como um dos efeitos da globalização da cultura aquilo que é chamado "imperialismo lingüística". Tal fenômeno é caracterizado pelo uso subserviente de palavras do vocabulário inglês em nossas conversas, nossos escritos e nossos afazeres profissionais.

O problema é tanto mais grave quando se constata a existência de termos vernáculos que poderiam perfeitamente ser usados no lugar das palavras estrangeiras escolhidas pelos brasileiros não interessados em resguardar a pureza da língua que herdamos dos portugueses.

Esse desapego pelo idioma materno parecerá aos incautos de somenos gravidade. Porém – conforme também nos mostra o professor Barbosa Moreira na palestra citada – na esteira do descaso pelo idioma vem a perda dos costumes, das tradições, a perda, enfim, da identidade cultural do nosso povo.

Neste instante convinha lembrar o que o grande poeta Olavo Bilac certa vez escreveu:

– “A pátria não é a raça, não é o meio, não é o conjunto dos aparelhos econômicos e políticos; é o idioma, criado ou herdado pelo povo. Um povo só começa a perder a sua independência, a sua dignidade, quando começa a perder o amor ao idioma natal. A morte duma nação começa sempre pelo apodrecimento de sua língua.” (Olavo Bilac - citado por Barbosa Lima Sobrinho, no livro: “A língua portuguesa e a unidade do Brasil”).

Vivendo no maravilhoso mundo da ciência e da tecnologia, morando na companhia dos límpidos modelos matemáticos, nós – os da área científico-tecnológica corremos o risco de esquecer que, sendo brasileiros antes mesmo de sermos engenheiros ou pesquisadores, temos o dever comum de cultivar o idioma pátrio.

Oxalá, neste ano de 1998 ora iniciado, ocorram em nosso meio ações efetivas voltadas para o cumprimento deste dever!